

UM BRASILEIRO EM BERLIM: JOÃO UBALDO RIBEIRO E A UNIFICAÇÃO ALEMÃ

Um Brasileiro em Berlim: *João Ubaldo Ribeiro
y la Unificación Alemana*

Um Brasileiro em Berlim: *João Ubaldo Ribeiro
and the German Reunification*

Ana PAULA SEERIG¹

Universidade de São Paulo
aseerig@usp.br

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo perceber o papel de registro histórico das crônicas que João Ubaldo Ribeiro escreveu na Alemanha, entre 1990 e 1991, e que foram reunidas na coletânea *Um Brasileiro em Berlim*. Para isso, será feita uma breve introdução sobre o momento político e social da Alemanha naquele período e serão apresentados trechos de crônicas do escritor brasileiro.

Palavras-chaves: João Ubaldo Ribeiro, unificação alemã, crônica, *Um Brasileiro em Berlim*.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo captar el papel de las crónicas que João Ubaldo Ribeiro escribió en Alemania, entre 1990 y 1991, y que fueron reunidas en la colección *Um Brasileiro em Berlim*. Para ello, se hará

¹ Mestranda em Língua e Literatura Alemã. Orientador: Dr. Tercio Loureiro Redondo.

una breve introducción sobre el momento político y social en Alemania en ese período y se presentarán extractos de *crônicas* del escritor brasileño.

Palabras clave: João Ubaldo Ribeiro, unificación alemana, crónica, *Um Brasileiro em Berlim*.

ABSTRACT: This article aims to understand the role of the chronicles² that João Ubaldo Ribeiro wrote in Germany between 1990 and 1991 and that were gathered in the collection *Um Brasileiro em Berlim* as a historical record. In order to do so, a brief introduction will be made about the political and social moment in Germany in that period and excerpts from *crônicas* by the Brazilian writer will be presented.

Key words: João Ubaldo Ribeiro, german reunification, *crônica*, *Um Brasileiro em Berlim*.

1. Introdução

A crônica brasileira tem como primeira plataforma o jornal. Ali, junto a notícias narradas de modo impessoal e com data de validade definida (a edição seguinte do periódico), a crônica se destaca por ser bastante pessoal e por ter a possibilidade de ser eternizada em formato de livro, justamente por ser um registro muito particular de um período, apesar dos fatos que a inspiraram serem facilmente esquecidos de um dia para outro, atropelados por novos eventos. Quando João Ubaldo Ribeiro, escritor e jornalista, escreveu as crônicas presentes na coletânea *Um Brasileiro em Berlim*, a capital alemã se redescobria: já não havia um muro e o processo de unificação acontecia. Sendo Ribeiro um cronista experiente, seus textos alemães recebem automaticamente um valor maior de importância, já que seu olhar estrangeiro constrói uma narrativa histórica bastante única.

O pesquisador inglês John Gledson (2006: 16), ao estudar as crônicas de Machado de Assis, percebeu que, para entendê-las, “era essencial ler os jornais da época com bastante cuidado” para assim “recriar, na medida em que isso fosse possível, o contexto em que foram escritas”. Por isso, para ter um olhar

² Na coletânea *Crônicas brasileiras* do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida [Hower, Alfred; Preto-Rodas, Richard A. (coord.). (1980). *Crônicas brasileiras: a portuguese reader*. Gainesville: Center For Latin American Studies.] a palavra “crônica”, enquanto gênero literário, é considerada intraduzível, por isso optei por não traduzi-la.

mais amplo sobre as crônicas que João Ubaldo Ribeiro escreveu para jornais alemães é necessário, antes, entendermos o que acontecia na Alemanha naqueles meses em que o escritor e sua família viveram lá. Apenas a partir disso poderemos compreender a profundidade dos detalhes do olhar brasileiro sobre a história alemã e reconhecer o valor das crônicas como registro histórico.

2. João Ubaldo Ribeiro em Berlim

Quando João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) desembarcou com sua família em Berlim, em abril de 1990, a Alemanha vivia um momento único de sua história. O Muro de Berlim havia caído em novembro do ano anterior e, em 3 de outubro daquele ano, a unificação do país seria assinada após décadas de divisão. O escritor brasileiro ficaria por 15 meses na capital alemã como bolsista do *Deutsche Akademische Austauschdienst* (DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) acompanhado de sua esposa, Berenice, e de seus filhos Bento e Francisca. Antes dele, ainda quando Berlim era dividida, outros brasileiros haviam recebido uma bolsa do programa, entre eles Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca e João Antônio.

Durante o tempo em que esteve na Alemanha, Ribeiro contribuiu regularmente para o jornal *Frankfurter Rundschau* e teve um texto publicado no periódico *Die Zeit*. Essa produção foi reunida na coletânea alemã *Ein Brasilianer in Berlin* (1994), também lançada em português sob o título *Um Brasileiro em Berlim* (1995). Como o escritor não dominava a língua alemã, seus textos foram vertidos por Ray-Güde Mertin (1943-2007), agente literária e tradutora, que escreveu um posfácio para a coletânea, tanto para a edição alemã quanto para a brasileira. Porém, para que se faça uma leitura mais profunda das crônicas de Ribeiro é necessário, antes, compreendermos o que acontecia na Alemanha naquele momento.

3. A Unificação Alemã

Ao apresentar seu novo colunista, em 11 de junho de 1990, o jornal alemão disse desejar “olhares interiores de alguém de fora” (*Frankfurter Rundschau*, 1990), já que os alemães pareciam “se ocupar principalmente, senão exclusivamente, consigo mesmos”. Isso se deve não apenas à unificação em si, mas talvez, principalmente, à maneira como ela ocorreu. A Queda do Muro de Berlim surpreendeu tanto o governo da República Federal da Alemanha

(RFA) quanto o governo da República Democrática Alemã (RDA), e foi consequência direta de movimentações populares do lado oriental. As semanas que antecederam a abertura do muro levaram milhares de pessoas às ruas da Alemanha comunista. Elas exigiam mudanças do governo, entre elas a diminuição da burocracia para liberação de vistos de viagem para o território capitalista. Na noite de 9 de novembro de 1989, uma coletiva de imprensa levou os cidadãos orientais a se reunirem junto ao Muro de Berlim.

A decisão do Conselho de Ministros dizia que todos poderiam solicitar imediatamente “viagens privadas para o exterior”, “as autorizações serão concedidas em um prazo curto e negações serão aplicadas apenas em casos excepcionais”. Isso quis dizer: Quase todos podem viajar, mas precisam ser aprovados, e, mesmo que isso aconteça “em um prazo curto”, isso não significa, de modo nenhum, imediatamente. Mas [Günter] Schabowski respondeu, depois de ser questionado sobre quando entravam em vigor as novas regras, “desde já”. As pessoas ouviram isso na televisão, correram para a fronteira, ignoraram que precisavam de um visto, e quiseram “ir pro outro lado”. A sua paciência reduzia; quanto mais tempo eles eram rejeitados, mais seu número aumentava aos milhares, até que o responsável pela passagem de fronteira da rua Bornholmer cedeu à massa e, às 22h30, “suspendeu todos os controles”. Às 23h todas as passagens de fronteira fizeram o mesmo, obedecendo a ordens superiores³. (Bender, 1996: 212)

A noite entre o dia 9 e o dia 10 de novembro de 1989 foi de comemoração em Berlim. Pessoas iam e vinham, abraçavam-se e trocavam presentes com desconhecidos, sem saber o que aconteceria nos dias seguintes, se o muro voltaria a ser fechado ou não. Como escreveu Rubem Fonseca, que estava na Alemanha naquele período e registrou o evento no texto *Reminiscências de Berlim* (Fonseca, 2007: 73), “aquilo não podia durar para sempre. Como todos os contos de fada, teria um fim”. João Ubaldo Ribeiro chegou ao país quando os festejos já estavam encerrados e a desconfiança tomava as ruas. Peter Bender,

³ “Der Ministerratsbeschluss sagte, jedermann dürfte sogleich ‚Privatreisen nach dem Ausland‘ beantragen, ‚die Genehmigungen werden kurzfristig erteilt und Versagungsgründe werden nur in besonderen Ausnahmefällen angewandt‘. Das hieß: Fast jeder darf reisen, aber es muß genehmigt werden; auch wenn das ‚kurzfristig‘ geschehen soll, bedeutet das keineswegs sofort. Aber [Günter] Schabowski hatte, nach dem Inkrafttreten der neuen Regelung gefragt, ‚Ab sofort‘ geantwortet. Die Leute hörten es im Fernsehen, strömten zur Grenze, ignorierten meist, daß sie Visa brauchten, und wollten ‚rüber‘. Ihre Geduld sank, je länger sie abgewiesen wurden, ihre Zahl stieg zu Tausenden, bis der Leiter am Grenzübergang Bornholmer Straße der Masse nachgab und um 22.30 Uhr ‚alle Kontrolle einstellte‘. Um 23 Uhr taten es die anderen Übergangstellen auf Befehl von oben. Zumzweiten Mal kapitulierte das Regime vor dem Volk”.

primeiro pesquisador a reunir as histórias das duas Alemanhas em uma única linha do tempo, conclui:

Logo ficou evidente que os alemães orientais reagiram de forma diferente do que o previsto, porque eles estavam habituados a outras regras. Os cidadãos ocidentais se sentiam sobretudo decepcionados, pois eles ofereceram o seu melhor aos compatriotas; os alemães orientais se sentiam sobretudo estarecidos, pois os alemães ocidentais assumiram em todo lugar o comando e impunham a eles diferentes normas, padrões de comportamento e de valor⁴. (Bender, 1996: 254)

4. O olhar de João Ubaldo

É justamente com esse cenário que Ribeiro se depara ao chegar à Alemanha. Suas colaborações para o jornal *Frankfurter Rundschau*, escritas no formato tradicional da crônica brasileira (gênero por meio do qual o escritor se expressava havia anos em periódicos do Brasil), registravam esses estranhamentos dos alemães para com os alemães “do outro lado”. O cronista confronta o leitor com a hostilidade da Berlim sem o muro. Logo em sua segunda crônica (a primeira havia sido dedicada a narrar a chegada à Alemanha), publicada em 16 de junho de 1990, o brasileiro apresenta uma narrativa em terceira pessoa, mas se identifica como sendo “o tartamudo do Kurfürstendamm⁵”, que dá nome ao texto, e se descreve pressionado pela impaciência dos alemães para com seu pouco domínio do idioma. O texto é encerrado da seguinte forma, onde Ribeiro compara sua atual vivência com experiências anteriores no país:

[...] foi interrompido pelo telefonema de um amigo, a quem se queixou de que Berlim não era mais a mesma, parecia que agora tinha raiva de estrangeiros.
- Que nada – disse ele, que é berlinense de nascença. – É raiva de alemão mesmo. Alemão do outro lado.
- Como raiva de alemão? E eu por acaso pareço com alemão?
- Não, mas pode parecer polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa. Você vai ter que se acostumar com isso, são novos tempos.

⁴ “Sehr bald zeigte sich, daß die Ostdeutschen großenteils anders reagierten als vorgesehen, weil sie auf andere Anforderungen eingestellt waren. Die Bundesbürger fühlten sich meist enttäuscht, denn sie hatten den Landsleuten doch ihr Bestes angeboten; die Ostdeutschen fühlten sie meist überwältigt, weil die Westdeutschen überall die Regie übernahmen und ihnen fremde Regeln, Verhaltensweisen und Wertmaßstäbe aufnötigten”.

⁵ Kurfürstendamm (também chamada de Ku’damm) é uma das principais avenidas de Berlim. O brasileiro morava próximo a ela, por isso a usa como cenário.

O Tartamudo do Ku'damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo.

- Mulher – disse ele, entrando na sala onde ela assistia (sem entender nada, mas com dedicação) a um programa da ZDF⁶. – Resolvi assumir. Não é isso que eles querem? Amanhã mesmo, compro um Trabant⁷ e vou à luta. (Ribeiro, 2017: 24)

A conclusão da crônica lança luz sobre a recepção dos orientais pelos ocidentais: o inimigo era o alemão da RDA. Não apenas ele, mas todos os oriundos de países do Oriente e que agora enchiam as ruas de Berlim. Quando esse texto foi publicado, as duas Alemanhas ainda coexistiam e a unificação era negociada – mais como uma necessidade política e econômica do que propriamente como uma vontade social. Quase dois meses depois, em 4 de agosto, a crônica *A velha Cidade Guerreira*, que é, entre todos os textos da coletânea, o mais sério e crítico, traz uma opinião direta do autor sobre a sociedade alemã daquele momento.

Imaginava, antes de chegar aqui, que seria tomado de um sentimento de alegria, euforia mesmo, ao rever este pedaço de Berlim soprado pelos ventos da abertura, da liberdade. Mas o contrário acontece. Penso em minhas andanças pela cidade e, embora continue gostando muito dela, reconheço que não é mais tão afável e amena quanto antigamente. Os visitantes do Leste aglomerando-se, como crianças deslumbradas, nas ruas, lojas, estações e praças, parecem irritar muito os berlinenses deste lado – a vida passou, talvez, a se afigurar desarrumada, quase caótica. As pessoas, ao invés de visitadas, se sentem invadidas. O outro não é mais irmão, seja por nacionalidade, seja por comum humanidade. O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis. (Ribeiro, 2017: 38)

Essa percepção é apresentada em outras crônicas que, cheias de ironias, registram experiências do escritor brasileiro no país. Em *Vida Organizada*, publicada em 20 de outubro de 1990, Ribeiro narra sua angústia ao ser indagado sobre sua disponibilidade para um evento que ocorreria meses depois, contrastando o bom planejamento alemão com o desapego brasileiro a datas e horários. Sem saber o que responder ao seu interlocutor, o escritor pede que ele volte a ligar “amanhã” (palavra que, na língua portuguesa, segundo o cronista, tem inúmeros significados – inclusive “nunca”).

Mas claro que não sei o que dizer amanhã e fui dormir preocupado, tanto assim que ainda incomodei minha mulher com uma cotovelada. Afinal, os alemães são

⁶ ZDF (*Zweites Deutsches Fernsehen*) é um canal estatal da televisão alemã.

⁷ Trabant era o carro produzido na República Democrática Alemã (RDA). Quando o muro caiu, os alemães orientais eram facilmente identificados pelo veículo.

organizados, é uma vergonha a gente não poder planejar as coisas tão bem quanto eles. Que é que eu faço?

- Ora – respondeu ela, retribuindo a cotovelada –, pergunte a eles se os alemães planejaram a reunificação para agora. E, se ele for berlinense, pergunte se ele não preferia deixá-la para amanhã.

- *Touché* – disse eu, puxando o cobertor para cobrir a cabeça e resolvendo que amanhã pensaria no assunto. (Ribeiro, 2017: 56)

Com bom humor, Ribeiro toca na ferida – e só percebemos isso por sabermos do não-planejamento da Queda do Muro de Berlim. A unificação, por décadas um sonho comum dos cidadãos das duas Alemanhas, ao se tornar realidade não foi tão idílica como se havia esperado. O cronista, nas entrelinhas, pergunta ao seu leitor: se lhe fosse dado, hoje, o poder de decisão, você seria a favor de reunificar o território alemão? A busca por uma resposta faz com que o interlocutor de Ribeiro se reconheça neste cenário “desarrumado, quase caótico”. Será “o outro” um irmão ou um intruso?

Na crônica de 8 de junho de 1991, na reta final da estadia da família Ribeiro em Berlim, o cronista narra em *Procurando o Alemão* a sua decepção ao descobrir que, depois de tantos meses, ainda não havia conhecido um alemão de verdade. Quem o convenceu disso foi um amigo, que argumentou que na capital da Alemanha não havia nenhum alemão legítimo.

Depois dessa descoberta, fizemos diversas tentativas de conhecer um alemão, mas todas, apesar de muito esforçadas, têm invariavelmente falhado. Entre nossos amigos de Berlim, não há um só alemão. Em números aproximados: 40 % se acham berlinenses e consideram os alemães um povo exótico que mora longe; 30 % se sentem ofendidos com a pergunta, indagam se estamos querendo insinuar alguma coisa e fazem um comício contra o nacionalismo; 15 % são ex-Ossis que não conseguem se acostumar a não ser mais Osis; e os restantes 15 % não se sentem alemães, povo sombrio, sem graça, fechado etc., etc. (Ribeiro, 2017: 102)

É importante registrar aqui que *Ossi* é um termo originado na palavra *Osten*, que significa “leste” em alemão, ou seja, é uma forma de nomear aqueles que vinham da Alemanha Oriental. Essa leitura estatística que Ribeiro traz da autoimagem dos alemães nos comprova que, em um país unificado, o que menos existia era o sentimento de unidade. Mais que isso, era o sentimento de não-pertencimento ao país que por tanto tempo se viu partido e agora forçava uma aproximação por meio da união política.

Não se sabia mais quem (ou o quê?) era ‘alemão’. A quem se aplicava tal definição? Que características eram típicas alemãs? Pouco tempo antes havia duas definições, duas culturas, dois sistemas econômicos e sociais. Dois

extremos. O que deveria ser validado agora? E os orientais, que viram seu país natal ser extinto, como deveriam reconhecer as fronteiras de sua origem? O assunto é tão complexo que o cronista só encontrou forma de abordá-lo por meio de números, em uma estatística provavelmente exagerada e fictícia, mas que destaca as variações da autoidentidade da população da Alemanha.

Ribeiro, então, já percebe o significado daquele período para o país: a confusão no autorreconhecimento dos alemães nada mais é do que uma consequência dos novos limites dados ao país, agora único. No final de julho, ao se despedir do espaço no jornal *Frankfurter Rundschau*, pouco antes de retornar ao Brasil, ele escreve: “Adeus, Berlim, a nova Berlim que vi nascer, na nova Alemanha que também vi nascer” (Ribeiro, 2017: 128). É assim que o cronista encerra o diálogo com seu leitor: um aperto de mão educado de quem agradece a hospitalidade em meio a tantas atribuições.

5. O gênero crônica como registro histórico

A estrutura escolhida por Ribeiro para suas colaborações ao jornal alemão também deve ser observada. A crônica brasileira se distancia da crônica histórica e dos artigos de opinião por sua personalidade e informalidade e isso certamente não era comum para os leitores da Alemanha. Poderíamos deduzir que o escritor brasileiro optou por esse formato por já dominá-lo (sua primeira coletânea de crônicas havia sido publicada em 1988, *Sempre aos Domingos*, resultado dos seus anos como colunista do jornal *O Globo*), mas também é possível cogitar que o escritor o tenha escolhido por ser um gênero que permite uma conversa aberta com o leitor sobre fatos contemporâneos. Certamente o cronista, que havia iniciado sua vida profissional como jornalista, sabia que o momento vivido pela Alemanha era complexo e geraria assunto para muitos diálogos. Se sua função era registrar “olhares interiores de alguém de fora”, haveria formato melhor para se aproximar de seus leitores do que através da informalidade crítica da crônica?

O gênero se baseia em fatos contemporâneos, o que torna a crônica uma referência histórica, já que, segundo Margarida de Souza Neves, não “são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história” (Neves, 2001: 25). Ribeiro registrou os sentimentos berlinenses durante o processo de unificação. Suas crônicas abrigam conversas, olhares e sentimentos – seus e dos outros. Quem lê *Um*

Brasileiro em Berlim hoje consegue perceber a animosidade da população alemã durante um processo que pouco tempo antes fora anunciado como desejado, mas que, durante sua execução, escancarou as diferenças criadas pelas décadas de divisão. Ou seja, o cronista compartilha vivências daquele período que dificilmente seriam encontradas em estudos históricos.

6. Considerações finais

Ao longo do artigo, identificamos a situação da Alemanha quando João Ubaldo Ribeiro lá chegou e citamos trechos de crônicas escritas por ele enquanto estava em Berlim, porém ainda nos falta reconhecer a partir de qual perspectiva o brasileiro fez seus registros. Sua experiência como jornalista fez com que seu olhar fosse mais crítico. Um repórter no exercício de sua profissão se pergunta: o que deve ser noticiado? Um cronista busca por um assunto para a sua crônica e, por isso, observa o seu entorno. A questão é: a que direcionar seu olhar? E a partir de qual ponto?

Quando, logo em sua segunda crônica, o brasileiro se percebe como inimigo e decide comprar um Trabant, ele está localizando sua posição na Berlim unificada: ele é ‘o outro’, ‘o invasor’. Ele está onde não se sente nem à vontade nem bem-vindo, já que a afabilidade que encontrou na cidade ainda dividida parece não existir mais, e é precisamente isso que ele faz questão de registrar: a infelicidade e a apatia alemã diante de algo que, em teoria, deveria deixá-los feliz. Essa perspectiva dá ao leitor de hoje muitas informações que não se encontram em meio aos dados trazidos pelos livros de história, pois ela abrange sentimentos e não unicamente eventos históricos.

O olhar estrangeiro de Ribeiro sobre a unificação alemã não se soma apenas ao olhar dos que viram o processo de fora e não o vivenciaram de fato, mas também – senão especialmente – ao dos próprios alemães, por lhes trazer uma visão crítica de situações que talvez eles, então, não tenham percebido e que ainda hoje devem ser discutidas, justificando novas edições da coletânea no decorrer dos anos. Originalmente publicado pela editora Suhrkamp em 1994, *Ein Brasilianer in Berlin* ganhou uma publicação bilíngue em 2017 pela editora TFM. Em nota, o editor Teo Ferrer de Mesquita questiona sobre o quanto o país mudou durante os mais de 20 anos desde a publicação original das crônicas.

Muito tempo passou sobre os registros de João Ubaldo Ribeiro em Berlim, os berlinenses e os brasileiros, observações perspicazes, cheias de humor, sarcasmo e carinho. Tal como cita neste livro, “não se passa duas vezes pelo mesmo rio”

e tampouco se vê o mesmo rio duas vezes, como acrescenta ao pensamento de Heráclito. Estarão já fora da realidade estes registros? Se tudo mudou! Será que mudou mesmo? O preconceito, a rejeição da diferença, o medo do “outro” não existem mais? Os berlinenses, os alemães deixaram de perguntar-se quem são? E o “outro”, o que olha de fora, deixou de perguntar-se quem é? Vale a pena voltar a estes textos, que nos remetem ainda para outra atualíssima questão: Que rio é esse que agora passa? (Ribeiro, 2017, p. 4 e 6)

Particularidades da crônica brasileira, incomum para os alemães, somadas à particularidade da posição de Ribeiro, um estrangeiro em meio a uma população que se redescobria, tornam os textos de *Um Brasileiro em Berlim* únicos no que se refere à forma de se observar e registrar o processo da unificação alemã. Não falamos aqui do processo político e burocrático que extinguiu a RDA, mas sim do processo social entre dois grupos de alemães que, por muito tempo, estiveram separados e precisaram adaptar-se a conviver uns com os outros. Um processo lento e difícil, que talvez ainda hoje, nos anos 2020, não esteja completo.

7. Referências bibliográficas

- Bender, Peter. (1996). *Episode oder Epoche? Zur Geschichte des geteilten Deutschland*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Fonseca, Rubem. (2007). *O Romance Morreu: Crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gledson, John. (2006) *Por um Novo Machado de Assis: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Neves, Margarida de Souza. (2001). *História da Crônica. Crônica da História*. In: Resende, Beatriz (coord.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio. Cap. 1: 15-31.
- Ribeiro, João Ubaldo. (2017) *Um Brasileiro em Berlim. Ein Brazilianer in Berlin*. Frankfurt: TFM. Übersetzt von Ray-Güde Mertin.

Jornais

Frankfurter Rundschau. Frankfurt, Alemanha, 11 jun. 1990.